



## EXPERIÊNCIAS NO ATELIER DE GRAVURA: A LINGUAGEM REGIONAL, A CULTURA POPULAR E A MUNDIALIZAÇÃO

Mauricio Alfaya. UNIVASF

**RESUMO:** Este artigo faz um relato acerca das experiências realizadas no Atelier de Gravura do Colegiado de Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco, expondo a fundamentação teórica e os procedimentos utilizados para a realização de xilogravuras que dialogam com a cultura popular e suas tradições, sob a ótica de que a linguagem regional é peça fundamental para a manutenção e continuidade da diversidade entre os povos.

**Palavras chaves:** xilogravura, cultura popular e linguagem regional.

**ABSTRACT:** *This article reports about the experiments conducted in the engraving class of Visual Arts Course of the Universidade Federal do Vale do São Francisco, exposing the theoretical foundation and the procedures used for woodcuts. This workshop did a dialogue with the popular culture and its local traditions, from the perspective of the regional language as a vital form of the maintenance and continuity of the diversity among people.*

**Keywords:** *woodcut, popular culture and regional language.*

### Introdução

Este artigo se constitui no relato de uma experiência acadêmica planejada e desenvolvida dentro da disciplina de Gravura I no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco, desenvolvida desde 2011. A nossa Universidade está localizada na região compreendida como Vale do São Francisco, sendo uma instituição multicampi com instalações distribuídas atualmente por quatro cidades: Petrolina - PE; Juazeiro - BA; São Raimundo Nonato - Pi e Senhor do Bonfim - BA. O Curso de Licenciatura em Artes Visuais está em Juazeiro, em um campus situado às margens do Rio São Francisco. Este trabalho tem o objetivo de promover a construção de um conhecimento estético atrelado ao estudo da gravura e aos seus procedimentos técnicos, e à pesquisa do universo

imagético inerente à região do Vale do São Francisco.

A experiência aqui relatada buscou em sua concepção inicial desenvolver a percepção dos estudantes para a pesquisa das visualidades que compõem o imaginário regional. Os estudantes foram instigados a perceber o seu entorno e, ao mesmo tempo, pensar para além dele no intuito de promover a aprendizagem do olhar e a expansão de suas possibilidades por meio da gravura, partindo do pressuposto da formação do professor-artista.

### **Cultura popular**

Clareando um pouco as motivações que nos levam a trilhar os caminhos pelos quais transitam as questões que envolvem a cultura local e a mundialização na construção dos objetos visuais desta pesquisa, utilizamos a seguinte citação, creditada ao escritor Ariano Suassuna, ferrenho defensor da cultura pernambucana e brasileira:

Olhem para a cultura brasileira, porque, se a gente não olhar para ela, ela vai se acabar. Vejam como a cultura desse povo, os cantos, os toques podem ser material extraordinariamente rico para inspirar a nós artistas plásticos, poetas, músicos etc. (NOBREGA, 2004, p.33)

Esta frase marca, com ênfase, o desejo de lançar um olhar sobre o universo da cultura popular, para traduzi-la em concepções plásticas, onde a marca maior de contemporaneidade está na busca pelas tradições como referencial imagético para a formatação das obras.

Este trabalho baseia-se e crê na problemática da homogeneização da cultura, e analisa a mundialização como sinônimo de padronização. O nosso pensamento direciona-se para a questão específica que é tida como conflituosa: a que subjuga as tradições locais em detrimento de um possível modo de viver global.

Para alguns estudiosos do assunto, o atual modelo globalizado gera fenômenos antagônicos de interação e de conflito. Por exemplo:

A mundialização da cultura tem, a meu ver, conseqüências distintas e com sinais invertidos. Por um lado, ela abre horizontes, gerando um conjunto de referenciais e de signos, sobretudo no âmbito da sociedade de consumo, o que permite aos indivíduos construir suas identidades dentro de novos parâmetros. Pode-se assim falar no advento de identidades mundializadas. Por outro lado, mina a legitimidade das tradições, como é o caso das culturas nacionais e de certas culturas populares. (ORTIZ, 1994, p.10).

Lançamos, então, um olhar sobre este segundo aspecto da questão, ou seja, a possibilidade de perda de legitimidade das tradições diante de um mundo globalizado, da desterritorialização cultural e da importância da preservação da cultura do “lugar” para a identidade de um povo.

O desenvolvimento tecnológico experimentado pela humanidade no último século fez implodir as distâncias e reformulou a nossa relação com o tempo. Michel Serres (1990 apud SANTOS, 1999, p.251) lembra que “[...] nossa relação com o mundo mudou. Antes era local-local; agora é local-global [...] Através dos satélites, temos imagens da terra absolutamente inteira”. Vivemos um período da história onde a tecnologia criou o mundo da velocidade, da frequência dos deslocamentos e da banalidade do movimento; todos eles participando como elementos catalisadores de um processo que se mostra inicial e irreversível, conforme pensa Octavio Ianni (1997, p.24): “A globalização não é um fato acabado, mas um processo em marcha. Enfrenta obstáculos, sofre interrupções, mas generaliza-se e aprofunda-se como tendência”.

É importante pensar, também, que não apenas os avanços tecnológicos participam deste processo de homogeneização, um outro componente é o mercado consumidor. Sendo assim, é possível perceber que o avanço científico e o mercado mundial são fatores determinantes de um processo de formação de uma cultura “internacional-popular”, conforme preconiza Renato Ortiz:

O movimento de desterritorialização não se consubstancia apenas na realização de produtos compostos, ele está na base da formação de uma cultura internacional-popular cujo fulcro é o mercado consumidor. Projetando-se para além das fronteiras nacionais, este tipo de cultura caracteriza uma sociedade global de consumo, modo dominante da modernidade. (Ortiz, 1992, p.69)

O que vem acontecendo é “um novo ciclo do processo de ocidentalização do mundo. Uma ocidentalização que é simultaneamente social, econômica, política e

cultural, sempre se desenvolvendo de modo desigual, articulado e desencontrado”. (Octavio Ianni, 1992, p.73). Referindo-se a esta desigualdade promovida pela mundialização, Ianni afirma:

Sob vários aspectos, o novo ciclo de ocidentalização recoloca o problema da mundialização da indústria cultural, com a expansão dos meios de comunicação de massa e a produção de uma cultura de tipo internacional-popular. Verifica-se a mobilização de todos os recursos disponíveis dos meios de comunicação, da mídia em geral, imprensa e eletrônica, de modo a “reeducar” povos, nações e continentes. (IANNI, 1992, p.73)

A homogeneização cultural é visível. Esta reeducação à qual se refere Octavio Ianni é percebida na produção cultural de massa promovida pelas grandes corporações do setor de comunicação. Hoje em dia, uma grande quantidade de modismos atravessa oceanos, em todas as direções, para se instalarem em novos territórios; novas “tendências” são apresentadas a todo instante, quer no campo da arte, da moda, da indústria, da culinária e do comportamento, o que acaba levando a sociedade a uma progressiva adoção de um estilo de vida cosmopolita, conforme apregoa o sociólogo pernambucano Sebastião Vila Nova (1984 apud ARAÚJO, 1986, p.40), que também faz uma ressalva: “é necessário jogar fora a crença fatalista da associação inevitável da industrialização e progresso com descaracterização cultural”. Aforismo com o qual se concorda, pois não se trata de uma negação da modernidade, muito menos uma visão pessimista para o futuro. O que guia esta pesquisa é o seguinte pensamento: se, para o planeta, a indústria e as tecnociências se mostram enraizadas e definitivas o suficiente para promover uma nova ordem internacional, a ponto de favorecer a criação de um estilo cosmopolita; no lugar, a cultura local tem “força” suficiente para, em uma ação consciente, revigorar as individualidades e diferenças, frente à mundialização.

Há autores que pensam um pouco diferente. De acordo com Garcia Canclini, o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais, e a expansão mundializadora também não consegue apagá-las.

... não se acentuou o suposto processo de extinção do folclore, apesar dos avanços das comunicações massivas e de outras tecnologias inexistentes em 1970, ou não usadas então na indústria cultural: o vídeo, os gravadores, a televisão por cabo, a transmissão via satélite, enfim, o conjunto de transformações tecnológicas e culturais que derivam de combinar a microeletrônica com a telecomunicação. (Canclini, 2000, p.215)

Apesar de, a princípio, parecer um pensamento oposto ao dessa pesquisa, encontramos nas palavras de Canclini pontos que reforçam a posição aqui defendida, ou seja, apesar do atual contexto global, as culturas populares e suas mais legítimas manifestações populares demonstram força. É desta força que esse artigo pretende se referir.

Edgar Morin (1996, p.40) afirma que “todas as culturas têm suas virtudes, suas experiências e suas sabedorias [...]. É em seu passado que um grupo humano encontra a energia para encarar seu presente e preparar seu futuro.”. É certo que a ação consciente mencionada anteriormente acontece com uma atenção especial à cultura local, com o engrandecimento das tradições, com o reconhecimento de suas imagens e símbolos, com o tombamento de sua história e seus costumes, com o lugar e sua força assumindo o papel intermediário entre o mundo e o indivíduo.

Trabalhamos sob a ótica de que o mundo é um conjunto de possibilidades dependentes das oportunidades oferecidas pelos lugares. O lugar e seus objetos, ações, espaços, normas, técnicas, modelos, formas, tempo, razão, emoção..., “oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz.” (SANTOS, 1999, p.271). O orbe depende da diversidade cultural humana para fazer girar sua “máquina”; o indivíduo, como peça desta engrenagem, traz a unicidade representativa da pessoa ou essência, e a soma dos conhecimentos da coletividade traz a força necessária para se criar uma razão local que seja agente de uma razão global. A cultura popular e suas tradições são fundamentais para a manutenção e continuidade da diversidade entre os povos. As obras que serão apresentadas nesse trabalho propõem, na sua unicidade, serem representativas das tradições populares do Vale do São Francisco e, de alguma forma, participantes de uma via alternativa que retroalimenta o planeta com imagens legítimas das multiplicidades culturais. Para Milton Santos (2007, p. 81): “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio.”

## Práxis

Fundamentados teoricamente, propomos aos alunos da disciplina de gravura I (2011/2012) que trabalhássemos com algumas lendas conhecidas pelos antigos ribeirinhos e que até hoje habitam o imaginário popular, a exemplo da Serpente da Ilha do Fogo, e do Nêgo D'água. Com a nossa orientação, os alunos foram a campo e pediram aos moradores mais velhos das cidades de Juazeiro - BA e Petrolina - PE que narrassem as histórias como as conheciam, para que estas resenhas fossem então transformadas em visualidades, através da xilogravura. Sendo as lendas narrativas transmitidas entre gerações pela tradição oral, e, em geral, carregadas de fantasias e fatos fictícios, inevitável foi perceber uma infinidade de variações e versões para uma mesma fábula. Não nos preocupamos em unificar as histórias, ou compor uma única versão da lenda. Ao contrário, trabalhamos com a diversidade, buscando uma produção artística que refletisse este amplo universo do imaginário popular.

Os alunos trabalharam as matrizes apoiados nos procedimentos técnicos tradicionais, buscando constituir suas pesquisas gráficas a partir de fundamentos alicerçados na tradição da gravura, no universo de uma gravura brasileira que prosperou de xilógrafos, cuja origem está nas oficinas de tipografia dedicadas à produção de peças literárias de cordel. Este manancial pujante da xilogravura brasileira é responsável por uma formidável riqueza artística que permanece viva e que se revigora em trabalhos atuais.

Quase todos os xilógrafos populares brasileiros, principalmente da região nordeste do país, tem origem no cordel. Entre os quais podemos citar Abraão Batista (1935), José Costa Leite (1927), J. Borges (1935), Amaro Francisco (1939) e Gilvan Samico (1928).

Uma vez que propúnhamos trabalhar a gravura num contexto onde prevalecesse uma linguagem regional, nos pareceu pertinente, também, trabalhar com a xilogravura de cordel, cuja estética traz esse amálgama sem o qual não se pode falar de cultura popular e territorialidade.

## As lendas

Em síntese, a lenda da Ilha do Fogo conta que há muitos anos, na cidade de Juazeiro, uma jovem muito bonita oriunda de “boa” família, certo dia foi passear às margens do Rio São Francisco e, diante das águas cristalinas, ficou a mirar-se, admirando a própria beleza. A moça ficou tão orgulhosa da sua beleza que se esqueceu da hora e de que deveria retornar para casa. Então, ao badalar do sino na hora da Ave Maria, ela começou a se transformar em uma serpente. Diante de tal infortúnio, ela atravessou o rio e foi se alojar na Ilha do Fogo, que fica entre as cidades de Juazeiro e Petrolina, onde permanece até hoje, presa por três fios de cabelo de Nossa Senhora das Grotas, padroeira da cidade de Juazeiro. Comentam que se os moradores destas cidades cometerem muitos pecados ou injustiças, a serpente se soltará e causará algumas calamidades.



1. Cilene da Silva Souza, 2011 (xilogravura).

A lenda do Nêgo D'água, Negro D'água ou Caboclo D'água, ocorre em várias regiões do Brasil, basta que haja um rio e alguns pescadores. Conta a lenda que o Nêgo D'água vive manifestando-se com suas gargalhadas, surgindo de dentro d'água e assustando os pescadores. Negro, careca, corpo coberto de escamas e com mãos e pés de anfíbio, ele costuma virar as embarcações dos pescadores, caso estes se neguem a lhe dar presentes, geralmente peixes ou cachaça. Os pescadores quando saem para pescar, levam consigo uma garrafa de cachaça e a derramam no rio para evitar que tenham problemas com o Nêgo D'água. No Rio São Francisco esta lenda é bastante comum entre as comunidades ribeirinhas, inclusive é corriqueiro ouvir relatos de pessoas que afirmam já terem estado frente a frente com esta criatura.

É importante ressaltar que as lendas foram descritas neste artigo com base nos depoimentos colhidos e apresentados pelos alunos, por isso não há citações nem referências bibliográficas. O intuito é ilustrar como essas histórias são contadas e eternizadas através da tradição oral.



2. Manoel Messias Lima, 2012 (xilogravura).

## **Concluindo**

O objetivo desse trabalho não é apresentar respostas ou soluções para os problemas relacionados à possível perda de legitimidade das culturas populares, contextualizadas no movimento de mundialização pelo qual atravessa o planeta, muito menos negar a contemporaneidade. Buscou-se apenas produzir, na prática, com uma linguagem plástica, objetos que, do nosso ponto de vista, dialogam com os anseios relativos à questão que envolve cultura popular e mundialização.

Os alunos/artistas/gravadores trabalharam as suas matrizes com o olhar voltado para as tradicionais xilogravuras de cordel e puderam perceber o quanto a herança cultural, fruto das relações entre o homem e o seu meio, é importante para a construção da cultura. O quanto que um diálogo constante entre os atores envolvidos nesse processo de vida, gera a percepção de pertencimento, de associação coletiva, que faz o indivíduo se sentir parte de algo maior, um grupo dentro de um determinado território.

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também o dado simbólico. A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos. (SANTOS, 2007, p82)

Não basta viver num local, é preciso estar em sintonia com este local. O mundo depende das oportunidades oferecidas pelos lugares que, por sua vez, oferecem à dinâmica mundial a possibilidade de uma realização plena. E é por isso que a cultura popular e suas tradições se mostram fundamentais para a manutenção e continuidade da diversidade entre os povos. As obras apresentadas como resultado desse trabalho buscam ser representativas das tradições populares do Vale do São Francisco e participantes de uma via alternativa que realimenta o planeta com as multiplicidades culturais.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nelson de. *Pequenos Mundos – um panorama da cultura popular da Bahia* (tomo I). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1986.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.

CATAFAL, Jordi. OLIVA, Clara. *A gravura*. Lisboa: Estampa, 2003.

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COSTELLA, Antonio F. *Introdução à gravura e à sua história*. São Paulo: Mantiqueira, 2006.

IANNI, Octavio. *A sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

NÓBREGA, Antônio. Entrevista risonha e franca. *Revista Caros Amigos*, São Paulo: Casa Amarela, ano VII, n 82, p.32-38, 2004.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. *Um outro território – ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho D'água, s/d.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Husitec, 1999.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Edusp, 2007.

### **Luiz Maurício Barretto Alfaya**

Mestre em Artes Visuais e Bacharel em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes – UFBA, e Coordenador do Colegiado de Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco – Juazeiro/BA [mauricioalfaya@yahoo.com.br](mailto:mauricioalfaya@yahoo.com.br)